

AOS SALTOS E AOS PINOTES: *EVOCAÇÕES*

Andréa Figueiredo Leão Grants^{*}

Bianca Rosina Mattia^{**}

Izabele Cristini da Silva^{***}

Jair Zandoná^{****}

Marina Siqueira Drey^{*****}

Stélio Furlan^{*****}

Universidade Federal de Santa Catarina

Se 2015 (de)marcou os 100 anos do lançamento da Revista *Orpheu* com a realização de dois importantes eventos – 100Orpheu – ocorridos tanto em Portugal quanto no Brasil, em 2016 temos o centenário de falecimento de Mário de Sá-Carneiro, um dos idealizadores desta revista. Considerando esses dois marcos, a comissão editorial da *Anuário de Literatura* propôs a publicação do Dossiê Temático *Mário de Sá-Carneiro: Eu-próprio o Outro: 100 anos depois* e que conta com a inestimável colaboração de pesquisadoras/es aquém e além-mar convidadas/os com o objetivo de apresentarem suas pesquisas envolvendo o autor de *Céu em fogo*.

No artigo que abre a seção, Manuela Parreira da Silva, em **Notícias da guerra na correspondência de Mário de Sá-Carneiro**, retoma os textos epistolares enviados aos amigos Fernando Pessoa e José Pacheco sobre o período relativo à 1ª Grande Guerra, enfatizando as transformações da sua “cidade-outrora-luz” e como, por meio deste epistolário,



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

* Doutoranda e Mestra em Literatura pela UFSC. Bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da UFSC. Coordenou o Portal de Periódicos UFSC (2009/jun.2014). Integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

*** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

**** Doutor em Literatura pela UFSC, integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

***** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

***** Doutor e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é Professor Associado junto ao DLLV/UFSC. Atual Editor da *Revista da ANPOLL* e Editor da revista *Anuário de Literatura*.

delineia-se a visão do poeta sobre a cidade e a de artista literariamente elaborados. Em **Mário de Sá-Carneiro e a festa parisiense da Belle Époque**, Teresa Cristina Cerdeira traça, a partir do episódio da Festa da Americana em *A Confissão de Lúcio*, a ambiência da Belle Époque parisiense. Para a autora, o refinamento erótico da linguagem sá-carneirina se aproxima “das linhas sinuosas, das volutas e da ornamentação da Arte Nova em que se destaca a Belle Époque Francesa”. Ricardo Marques discute o poema “Manucure” em **Algumas notas para a leitura de “Manucure”, de Mário de Sá-Carneiro**. Para tanto, considera o contexto de vanguardas europeias e a potência da escrita do escritor português.

Caio Glagliardi brinda-nos, em **O abrigo e o exílio de Sá-Carneiro**, com um estudo acerca do papel simbólico que Paris – a cidade de sonho – ocupa na obra do poeta órfico. O autor parte da leitura do poema “Abrigo” (1915) e, a partir de uma abordagem comparativa com o poema “Memória”, de António Nobre, recorre à correspondência que Sá-Carneiro manteve com Fernando Pessoa para desenvolver sua análise. Matheus Nogueira Schwartzmann, no artigo **Mário de Sá-Carneiro: indícios de um mito, indícios de um corpo**, busca apontar como a dimensão mítica das primeiras edições da obra sá-carneiriana marcou a leitura dela feita. No intuito de transcender esse viés, propõe outros caminhos possíveis de leitura que permitem “entrever na sua escrita a presença do seu corpo” de modo a recompor as noções de feminino e de masculino. Em **Sá-Carneiro: vontade de morte, saudade de vida**, Maria Elvira Brito Campos contempla a elaboração da ideia de morte no poema “Dispersão”, propondo uma leitura crítica dos aspectos inerentes à inquietação/obsessão do sujeito lírico frente a esse tema.

O artigo de Ermelinda Maria Araújo Ferreira intitulado **Mário de Sá-Carneiro: suicídio ou transfiguração?** analisa a relação de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro e como essa amizade transformou, modernamente, os rumos da literatura em Portugal na medida em que, conforme a estudiosa, mesmo transcorridos quase 100 anos, **suas obras refletem tanto a espetacularização do real quanto a dessubstancialização do sujeito em um mundo em constante transformação**. O modo como Mário de Sá-Carneiro constrói suas personagens, e como (se) (trans)formam (com) Paris!: “Orgíaco e solene, monumental e fútil...” é objeto de análise de Jair Zandoná em **No ondear da vida moderna: o volátil sentimento de ser**. A cidade, punge-lhes vida, sensações, experiências como se estivessem em bebedeira, insones, sob efeito de narcóticos. Para fechar o dossiê, Paula Cristina Costa, em **Mário de Sá-Carneiro, sem anos depois**, dedica-se a analisar a atualidade da obra sá-carneiriana, na medida em que, conforme a autora, a coerência temática renova o tema do

Eu/Outro, bem como o desejo de atingir a perfeição absoluta, como Ícaro, e o fracasso da realização plena.

O número apresenta, ainda, textos de temática livre. Telma Scherer, em **: A escrita como água viva**, elabora uma leitura da novela *Água viva*, de Clarice Lispector, a partir das considerações feitas por Helène Cixous sobre o processo criativo, articulando sua análise, poemas de Hilda Hilst e Sylvia Plath. Em seu artigo – **Estudo sobre a figurabilidade em Balzac: a desfiguração do retrato de Camille Maupin** –, Paula Caldas Frattini propõe a análise da figurabilidade na poética balzaquiana, seus alcances estéticos e os possíveis problemas da relação entre o romance e as questões de representação. No artigo **A invenção de Hugo Cabret: ilustração e cinema na literatura juvenil**, Maisa Barbosa da Silva Cordeiro e Célia Regina Delácio Fernandes dedicam-se à verificação do diálogo verbo-visual nessa obra de Brian Selznick (2007), destacando, no estudo, três questões: o diálogo verbo-visual; a representação do cinema; e a representação da história de George Méliès.

Em **Evidências linguístico-culturais de resistência na literatura infantil pós-colonial: literatura surda e Ondjaki** Sonia Maria Gomes Sampaio e Larissa Gotti Pissinatti analisam, a partir de um exercício comparativo, as representações linguístico-culturais de resistência percebidas em *Adão e Eva*, de Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, da literatura surda e em *Ynari: a menina de cinco tranças*, do autor angolano Ondjaki. Bianca Rosina Mattia se dedica ao romance inacabado de José Saramago em seu artigo intitulado **Os paratextos editoriais em “Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas”, o romance inacabado de José Saramago**. Em seu estudo, analisa as implicações dos aspectos editoriais deste romance publicado postumamente na medida em que proporcionam novas perspectivas de leitura e interferem na produção de sentidos quando da leitura do texto, bem como na concepção de editor enquanto adaptador. Para fechar este número, Manoel Freire Rodrigues e Maria Clediane de Oliveira, em **Trabalho e malandragem em Marafa, de Marques Rebelo**, discutem esses componentes no romance ambientado no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX.

Por fim, para homenagear o furor modernista que ainda vigora e nos motiva, escolhemos para emoldurar este número um *collage* de Santa Rita Pintor produzido em 1914 quando residia em Paris e publicada no primeiro número da Revista Orpheu: *Estojo científico de uma cabeça + aparelho ocular + sobreposição dinamica visual + reflexos de ambiente X luz* (SENSIBILIDADE MECHANICA.). Seu trabalho vai ao encontro do que proferiram Jacques e Philippe Dubois sobre essa técnica, uma vez que “consiste em destacar, recortar um

certo número de obras, mensagens já existentes, e reintegrá-las numa nova criação” e convida-nos a dinamizar nossa sensibilidade.

Desejamos a todas/os boa leitura!

a Comissão Editorial.

